

*Reminiscências* Clara Sverner

*Reminiscências* Clara Sverner  
*Poesias*

## **Coordenação geral e Organização**

Cíntia Pereira

## **Diagramação e Projeto gráfico** \*exceto capa

Thomas Benz

## **Revisão ortográfica**

Fábia Marucci

## **Produção do ebook**

Cíntia Pereira Produção & Cultura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sverner, Clara  
Reminiscências [livro eletrônico] / Clara Sverner.  
-- Rio de Janeiro : Ed. da Autora, 2020.  
PDF

ISBN 978 - 65- 00- 07115 - 3

1. Poesia brasileira I. Título.

20- 41406

CDD - B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB- 8/9427

1ª edição neste formato

Versão 1.1

2020

Todos os direitos reservados à autora

Clara Sverner Randolph

[www.clarasverner.com](http://www.clarasverner.com)

*Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem a prévia  
autorização escrita da autora.*

Sempre gostei muito de escrever. E afinal, ao lado da música, que é minha vida, a partir de 1982, passei a me realizar também escrevendo.

Iniciei com poemas em 1982 e, a partir de 1986, passei também a me dedicar a contos.

Dedico estes poemas às pessoas que amo.

**Clara Sverner**

## **Um louco amor**

Era luminoso  
talvez perigoso  
perfumava o ar  
nosso louco amor.

Era réstia de luar  
misturado com âmbar  
lembrava o Oriente  
de amarela cor  
nosso louco amor.

Era mágico  
evaporou-se, portanto,  
sem porquês, filho  
do luar à beira-mar  
nosso louco amor.

## Saudades

Amor  
saudade em forma  
de uma brisa  
que se faz  
desfaz  
liquefaz  
mansamente  
tua presença traz  
aos poucos  
surges presente  
urgentemente  
real  
saudade pura magia  
aproxima-nos  
então  
perto tão  
um e outro  
sem um senão.

## Tempo vento

De quando em vez  
passas pela  
minha vida  
em surdina.

Veza outra  
como de um verão  
a furtiva melodia  
nos cruzamos.

Em silêncio  
roubamos ao  
vento tempo  
a carícia  
de um momento.

Sem paixão  
sem ausência  
nos reveremos  
sem saudade  
à luz do outono  
quem sabe...

## Ele

Era de uma alegria tensa. Seu sorriso – ouro puro – quase um riso. Seu rosto uma contração, ora rubro de pura emoção, ora quase lívido de susto por uma felicidade súbita. Bebia embevecido as palavras das pessoas que amava e admirava, sentadas ao seu redor na grande mesa redonda. Em um silêncio quase religioso, participava como se fosse um e todos, em estado de absoluta comunhão. Sensibilidade pura.

Era de uma alegria calma essa noite de luar.

Ele transbordava de emoção e se fundia nos discursos entremeados de brumas de um prelúdio de Debussy, de árias de óperas, fusas, semibreves, sinfonias e melodias. Brilhava seu olhar. Espertos, marotos olhos de menino. Descobria-se encantado, sensível amante de música e entregava-se totalmente a esse inesperado amor.

Emitiam-se sons, formavam-se sons e tudo se transformava finalmente em um grande som.

Efêmeros momentos passando, criando a ilusão de suspender, em eternos, os breves tempos de vida.

Era a alegria. A pausa. A trégua.

E ele, o homem da terra, ao descrever o mato, o pasto, o silêncio, o touro, a vaca, o passeio solitário pelos dourados trigais, transformava-se em música.

E conversava-se afavelmente, entre sorrisos, risos e contentamentos naquela noite enluarada. E brilhava como uma estrela a bela presença do homem-menino, que contava as coisas do campo.

E se percebiam nas nuances que se alternavam em seu rosto seus diversos tempos, sua história de vida, seus sustos, suas dores. Era um jeito de olhar, era um traço revelador entre as espessas sobrancelhas – uma ruga. Era. Intuíam-se até, pela maneira de escutar e de dizer as coisas, as brincadeiras do menino de ontem. Subindo árvores, colhendo frutos, plantando na sua roça de criança suas fantasias e seu milho. E tudo se juntava hoje ao sonho-realidade do homem que amava e era a poesia do campo.

Levantávamo-nos. Dispersávamo-nos. Era final de festa. Rompia-se a magia. Ele nos acompanhava até o portão. E sorriamos todos à vida, ao amor, à música, ao campo, a esse momento eterno, passageiro. E o rastro do luar, curiosamente, nos seguia...

## Feras

Dilaceram  
não são feras  
usam caras  
e perfumes

Delicadas  
como rasgam  
dentes alvos  
afiados

Em pedaços  
em sorrisos  
sem dó fazem

A vítima  
inocente.

## **Pássaro colorido**

Todos na corrida  
nos prendendo nos amordaçando  
nos violentando  
e dizem que nos amam.

Vítimas e algozes nos tornamos  
nossas próprias asas cortando  
voo tão possível, aonde agora?

Pobre pássaro  
no chão rastejando triste, apagado  
e todos compartilhando  
ferozmente, dissimuladamente,  
mente, mente...  
asfixiando lentamente  
o melhor de cada um.

Em um túnel escuro, escondido,  
assustado mais e mais.  
Pobre pássaro colorido  
o melhor de cada um.

E dizem que nos amam  
e até acreditam que nos amam  
e nos amam...  
e sufocam, matam  
o mais lindo de cada um.

## **Este amor**

Mais forte é  
como forças soltas  
da natureza,  
é este amor.

Mais intenso é  
como frases rompidas  
libertas correm  
torrentes soltas,  
é este amor.

Mais colorido é  
como vibrante chão  
atapetado de folhas secas  
ouro sonho cor,  
é este amor.

Mais simples é  
como um andar a dois  
descalços sobre a terra úmida  
túmida de magias, alquimias  
brotando aos nossos pés,  
é este amor.

Como dizer  
cantar o quê...  
escrever como  
por que contar  
este amor  
mais forte que...  
É.

## **Até quando?**

Que desamparo. Até quando?  
Perdidos sem voz.  
Florestas escuras, sós.  
Nosso silêncio transfigura  
o ar puro em irrespirável.  
Que descompasso. Até quando?  
Rompidos todos os elos.  
Dor de ruptura, vidros quebrados  
Sós, desarmados.  
Que desconsolo. Até quando?  
Capturados, na teia  
fina prateada das aranhas,  
em enigmas sem respostas.  
À procura, até quando?

## A Gravura

Grande olho negro  
no imenso espaço  
fitas como aço.

Ação.

Mergulho no alçapão  
profundo, doído,  
atravessando o mundo  
mudo  
dizendo tudo  
muda  
grande olho negro  
o mundo.

## **Transformação**

Dor que ultrapassa  
do meu corpo passa  
vira cor, vira som  
revira meu corpo  
sem limite o novo  
desabrocha em flor  
transforma  
pedaços obscuros  
e o grande escuro  
em clara dourada cor.

## O Salão

Casacas pretas impecáveis  
vestem os imperturbáveis  
personagens sem imagens.  
De sorrisos falsos, alvos,  
sem brilhos, não veem.  
Máscaras. Movem-se.  
Fantoches mecânicos em  
vida mortes promovem.  
Deuses se julgam  
e julgam.  
Sorriem friamente  
no salão.

## **Dor maior**

Angústia espreita  
desfeita mulher a vagar.  
Solidão da noite escura  
não cura  
a tortura.  
No rosto, no corpo sofrido  
o filho partido.  
Mulher a naufragar.

## Mortos e vivos

Na porta do camarim  
Quem é quem é quem  
o tempo passou. Ele se foi.  
Ela também.  
Um raio de sol  
entra pela fresta da janela  
do camarim.  
Dança entre vivos e mortos  
Triste sarabanda.  
Mortos que estão vivos  
vivos surpresos  
espreitam a finitude.  
Vivos se pensam eternos  
Mortos são eternos.  
Um raio de sol entra  
pela janela do camarim.  
Lembrança viva.  
Estrelas brilham.  
Cheiros de folhas e flores,  
cães brincam... Minha neta.  
Alegria e espanto. Estou.  
E não controlo a imensa  
melancolia neste camarim.  
Sofro através Chopin.

## Por quê?

Ter que ser  
máquina calculadora  
sorrir sem querer  
e mais e mais sofrer  
acordar  
trabalhar  
amar  
se bronzear  
correr  
igual ser  
a tantos outros  
sem ser.  
Coragem  
enfrente o teu amanhecer  
um teu jeito de viver  
de sofrer  
de amar  
de sorrir  
com hora  
sem hora  
por ora  
de um só ser.  
E passear  
se quiser ao luar  
e pintar se quiser  
e viver  
descobrir  
e viver  
o teu ser.

## **Dilaceram**

Não são feras  
usam caras  
e perfumes  
delicadas  
como rasgam  
dentes alvos  
afiados  
em pedaços  
em sorrisos  
sem dó fazem  
em pedaços  
a vítima  
inocente.

## Azul mar

Azul mar  
Perfura áspera sonda  
como revolta onda  
a profunda dor  
que volta por ora  
ecos de outrora.  
Clara espuma  
reaviva  
chama-vida.  
No azul mar  
volta-me o ar.  
Denso mistério sem hora.  
No incessante vai e vem da onda  
volta-me o perfume luar.  
E respiro no azul mar  
enfim a vida.

## O concurso

Correm correm percorrem  
nem socorrem  
bicom aqui bicom lá  
picam picam picam  
nas  
ruas tristes correm  
que imagem!  
Em grupos solitários consomem  
se consomem  
se trituram  
uns aos outros  
mentem  
nem sabem  
nem sentem  
da vida ficam à margem.

## Tempo

Tempo metrônomo  
frio, arrítmico, quadrado  
bate bate passa passa  
o tempo escorre  
areia fina  
ampola antiga  
corre bate  
para passa  
o tempo escorre  
entre meus dedos  
cabelos ao vento  
vida tempo.

## **A mãe**

Um soluço crescendo  
a noite escura.  
Um tiro – a morte – o choro.  
No quarto pequeno,  
pobre, triste.  
Paredes de papel.  
De mãos atadas  
olhávamos.  
Como amparar a mãe  
de voz embargada.  
Corda esticada  
rosto desfeito, corpo só.  
Um soluço.

## **A menina**

Estirada na estrada  
Menina.  
Sonhos a percorrer  
cortados.  
Freios bruscos  
vidros quebrados.  
Murmúrios sussurros  
lágrimas gritos.  
Minha filha!  
De dor estrangulados  
olhos azuis entreabertos  
de surpresa.  
Corria a menina  
pelos campos.  
E tornou-se mistério  
minha filha.

## Uma foto

Pequeno, pele e osso  
só olhos  
pele de velho  
não sabia que era  
criança, era dor.

Pele de pergaminho  
mãos implorando  
um pedaço de vida  
um pedaço de pão  
sua mãe.  
Não entedia  
estendia suas mãos  
pressentia o erro  
da dor que o crucificava.

Pequeno, pele e osso  
só olhos  
estarecidos, sem lágrimas  
secos como a seca terra  
pedia por água  
suas mãos estendidas  
tocavam apenas o ar  
vazio de promessas  
tarde parada  
banhada de sangue.

Não esquecerei aqueles olhos.

## A vertigem do tempo

Carro viagem  
freios árvores flores  
pássaros passam  
cheio de terra  
ando ando  
respiro olho  
ando ando  
respiro olho  
carro curva  
montanhas altas  
encontros com o céu  
fumaça túnel  
entro no quarto  
volto  
dia noite  
dia tempo  
teclas do piano preto  
roupas jogadas na sacola  
rápido  
frutas meninos na estrada  
árvores flores  
pássaros passam  
estou passando  
já passei.

**Usti** (à memória de um gato)

Seus grandes olhos azuis  
a fitar o infinito  
que ele suspeita  
ao seu alcance  
em breve.

Gato-mistério  
deixou um rastro  
passageiro, matreiro,  
um leve perfume.  
Passos de veludo  
ao saltar  
para o vazio  
se tornou mistério.

## **Solidão**

Só

percorrendo

Pó

sendo

vivendo

Só

pedindo

S.O.S.

uma mão amiga.

## Enigma

Quem sou  
sou outra,  
sou tantas...

Como lutar  
contra esta  
que entra de manso,  
pelos meus poros – pela minha pele,  
sangue e nervos.

Quem sou  
esta outra à espreita  
meiga - revoltada  
forte - frágil

Quem sou?

Tantas,  
esta que entra... perigosa.

## Quem sou

Tua dor me atravessa  
tua morte é minha morte.  
A violência me rasga.  
Tua ausência, teu silêncio,  
sou nada então.  
Sou escondida.  
A minha dor a mim pertence.  
Sou trevas.  
Não sou.  
Múltiplas máscaras sou.

## A AUTORA



Foto: Vicente de Paula

### **Clara Sverner é pianista.**

Nascida em São Paulo, em 29 de agosto de 1936, sempre gostou de escrever, mas seriamente só a partir de 1982. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1959, onde vive até hoje.

Aos 5 anos, iniciou a vitoriosa carreira que a tornou uma das mais prestigiadas virtuosas brasileiras.

Privilegiando, antes de tudo, a qualidade estética, o arrojo da invenção e a carga expressiva das músicas que executa, Clara é uma artista inquieta que não se cansa de se aperfeiçoar, pesquisar e ousar. No domínio da música clássica brasileira, foi a principal responsável pela redescoberta das obras de Glauco Velásquez e Chiquinha Gonzaga.

Sua discografia consiste em mais de 26 títulos, distribuídos internacionalmente, e reflete sua estética apurada e seu espírito de vanguarda. Teve duas indicações ao Grammy Latino e recebeu inúmeros prêmios nacionais.

Nas artes cênicas, dividiu o palco duas vezes com a atriz Nathalia Timberg, nas peças “33 Variações” (2015) e “Chopin ou o tormento do ideal” (2018).

Esta é sua primeira publicação.

#cultura  
#presente

CULTURA



GOV  
RJ